

RESENHA

GALLO, SILVIO. *Subjetividade, ideologia e educação*. Campinas: Alínea, 2009. 150 pg.



Tulio Barbosa

Professor do Instituto de Geografia
Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica
Laboratório de Ensino de Geografia
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1 H – Sala 1 H 09
CEP 38402-100 – Uberlândia – MG
E-mail: tulio@ig.ufu.br

O livro “Subjetividade, ideologia e educação” de Sílvio Gallo é estruturado em três capítulos e um apêndice, sendo os capítulos: 1 – “A Concepção Marxista de Ideologia”, 2- “Por uma Fenomenologia da Ideologia” e 3 – “Escola, Ideologia e a Construção do Sujeito”. O apêndice, segundo autor, é uma republicação de 1986 com o título “O Escravismo como Modo de Produção de Subjetividade”.

Segundo Gallo o objetivo do trabalho é compreender o processo geral da subjetivação para entender a ideologia. Neste sentido, Gallo utiliza autores de várias



correntes filosóficas e metodológicas; assim, entendemos que é um trabalho importante para o debate da relação do fenômeno ideológico com a educação, ao mesmo tempo em que oferecem pontos fundamentais que devam ser debatidos para que possamos compreender melhor a ideologia com suas múltiplas conseqüências.

No primeiro capítulo (publicado originalmente na Revista Perspectiva e modificado para o livro) o autor trabalha com o pensamento de Marx e Engels, direciona-nos para uma leitura significativa para os já estudiosos da temática e para os que são iniciantes, por meio da compreensão da construção do conceito de ideologia segundo Marx e Engels. Seus exemplos e argumentos para explicar a ideologia, enquanto conceito marxista parte inicialmente da obra “A Ideologia Alemã”. Já nos capítulos seguintes o autor explica a ideologia utilizando conceitos de outros autores não marxistas, como se esses fossem complementos dos primeiros, dentre os quais: o jovem Sarte, Reich e Guattari.

No primeiro capítulo o autor após introdução ao pensamento marxiano discute o pensamento de Gramsci e Althusser. Destaca em Gramsci o conceito de hegemonia o qual contribui efetivamente para a compreensão das lutas de classe e como a classe vencedora (a dominante) impõe a sua visão de mundo para as demais classes. Gallo sublinha a influência desta cosmovisão dominante nas crianças, pois segundo ele: “[...] A criança não é levada a construir o mundo [...] mas, sim, adaptar-se a um mundo já construído [...]” (p. 33). Deste modo, as crianças são direcionadas ideologicamente e seus valores sociais, culturais e políticos as acompanharão sempre, pois muitas pessoas não questionam suas próprias concepções de mundo e muito menos seus valores. A escola reforça a ideologia, já que a mesma molda os alunos em conformidade a hegemonia dominante com seus respectivos valores e práticas cotidianas. Na escola o aluno aprende, pelos meios oficiais, somente aquilo que é referendado socialmente.

Para Gallo (p. 99) (segundo capítulo) a ideologia não vem de uma classe dominante, já que, segundo o autor: “[...] a ideologia não é produzida por uma classe, mas pela estrutura da máquina da produção.” Deste modo, torna homogêneas as classes sociais diante da ideologia, subtraindo a condição estrutural e superestrutural de classe, bem como desconsidera as lutas de classes.

No primeiro capítulo trabalha com Althusser e destaca seus aspectos norteadores da construção ideológica, Gallo, neste sentido, sublinha a representação ideológica a



partir das condições materiais, ou seja, a ideologia não é apenas representação subjetiva é, antes de tudo, a materialidade correspondente da dialética subjetiva e concreta.

Gallo, a partir de Althusser, compreende o sujeito como ser que é no sentido dialético, ou seja, os sujeitos são simultaneamente libertos de suas condições, ao se desvencilharem da ideologia, e presos à condição de sujeito condicionado as intempéries sociais e materiais. Afirma ainda que após Althusser não existiu nenhum desenvolvimento de uma “[...] teoria coerente e estruturada sobre a ideologia” (p. 63).

No segundo capítulo (Por uma Fenomenologia da Ideologia) o autor busca elementos da fenomenologia e força um encaixamento das teses marxistas ao partir do jovem Sarte (O Ser e O Nada), disserta como as relações do em-si e do para-si formam o sujeito, destaca ainda a intencionalidade como ponto chave na estruturação da compreensão ideológica. O autor demonstra elementos constitutivos da consciência a partir de Sartre, apontando a necessidade de transcender a própria consciência. Gallo afirma que a consciência não é o ser, é algo além do ser, portanto, o ser somente é aquele que busca, nesta busca através das múltiplas relações com os fenômenos consegue compreender a sua consciência, neste momento de compreensão é que o ser se afirma por meio de sua identidade, já que alcançou a condição de ser.

Para Gallo o ser humano tem necessidade em tornar-se algo, por meio da identidade, chama tal identidade de necessidade da coisificação, pontua que tal necessidade não é resultado das condições sociais, visto que essa necessidade é interna.

Ao discutir ideologia e consciência parte dos pressupostos freudianos de Reich, pois afirma que a estrutura psíquica do homem é instintiva e a libido é ponto fulcral para que os elementos ideológicos sejam “semeados” nos sujeitos. Entendemos que o sexo é amplamente utilizado pela mídia, mas não podemos afirmar que somente essa condição instintiva garanta ao aparelho ideológico condições para sua reprodução. A materialização da ideologia, segundo Gallo utilizando Guattari, ocorre através da territorialização social, isto é, a vida cotidiana de todos. Gallo entende que: “O mundo da ideologia é um grande teatro, no qual a sociedade oferece o palco com a devida cenografia e iluminação, distribui os papéis individuais e dirige a encenação toda”. (p. 91). Gallo mencionou a sociedade como distribuidora do papel, mas não é toda a sociedade que dirige o “teatro”, uma vez que a classe detentora dos meios de produção, de comunicação e poderes políticos é que organizam e dirigem a sociedade em geral.



Afirma ainda: “A ideologia de classe é uma grande mistificação [...]” (p. 101). É preciso debater este ponto, já que entendemos que a classe dominante também “constrói” ou “reformula” ideologias. O autor desconsidera, em grande parte da obra, as condições materiais, sociais e econômicas, ao afirma a mistificação da ideologia, mistifica também a classe, praticamente anulando-as, colocando em condições de igualdade. Escreve ainda que “[...] nenhuma classe pode lutar por sua “libertação” [...]” (p. 101). A postura do autor é pessimista do ponto de vista intelectual e prático. A grande contribuição do autor está na constatação de que qualquer tentativa para libertar o ser humano do capitalismo, deverá subverter toda a ordem da sociedade, ou seja, uma revolução socialista não garante, de imediato, mudanças subjetivas que permitirão outras ocorrências para além da cultura capitalista.

Gallo considera absurdo pensar numa construção ideológica direcionada por uma classe, para ele a dominação social pela ideologia é parte da estrutura da sociedade, compreendida como lógica instituída, sem intencionalidade. As classes são “bombardeadas” por essa lógica própria da ideologia, todavia entendemos que a classe dominante é também articuladora de muitos meios que garantam à classe a condição hegemônica, seja econômica, política, e/ou cultural.

O autor afirma que uma prática de transformação social é possível mediante a criação de subjetividades alternativas ao modelo vigente, destaca, apoiado em Deleuze e Guattari, a esquizofrenia, já que: “O processo esquizofrênico – no qual a pessoa é incapaz de construir significações e relações [...] é um processo revolucionário [...]” (p. 117). Sugere a possibilidade do trabalho político com os esquizofrênicos, acreditando que este trabalho resultará num processo revolucionário. O autor crê que os esquizofrênicos, por terem outra lógica, podem revolucionar o mundo, todavia esta “outra lógica” é na verdade a mesma lógica com roupagens e interpretações pessoais. Os estados alterados da psique não são respostas para a criação de outro mundo mais justo, fraterno e igual. O trabalho que devemos realizar como educadores é a formação crítica dos estudantes, fazendo com que os impactos do capitalismo (como modo de produção, regulação, cultura...) sejam minimizados e até superados por seres humanos capazes de ir além dos valores individualistas e egoístas do capitalismo. A proposta de Gallo não atende a necessidade real de transformação da sociedade.



Referente ao terceiro capítulo (Escola, Ideologia e Construção do Sujeito) o autor destaca o ensino como processo de produção ideológica: “A escola é produtora de células sociais, transformando cada indivíduo, cada possibilidade de uma subjetividade singular, numa célula reprodutora da ideologia da máquina de produção”. (p. 126). Deste modo, o autor compreende a produção ideológica diferenciada em cada tipo de educação, destaca a educação tradicional como autoritária e que obriga os alunos a temerem e obedecerem aos superiores, também sublinha a educação moderna, a escola nova, que permite aos alunos maior liberdade, mesmo assim, Gallo ressalta que essa educação mais liberal também tem fonte ideológica servindo aos interesses capitalistas, uma vez que forma seres humanos em indivíduos empreendedores (*self made man*), destaca ainda que a população menos favorecida continua sendo ensinada através da educação tradicional, aprendendo a respeitar as autoridades. Até mesmo a escola libertária “Escuela Moderna de Barcelona” criada pelo educador Ferrer i Guardiã é considerada por Gallo como escola pautada em uma ideologia. Somente haverá a libertação dos indivíduos, segundo Gallo, quando existir a possibilidade do sujeito ser livre por meio da construção autônoma da subjetividade, pois seríamos libertos das engrenagens da máquina ideológica.

“O Escravismo como Modo de Produção de Subjetividade” é apêndice nesta obra. Gallo enumera os diferentes modos de produção e a origem do escravismo como ponto fundamental da mudança do modo de produção. De forma breve, cita alguns exemplos históricos como a sociedade grega, romana e feudal. A última parte deste apêndice trata de temas (modos de produção e subjetividade) já desenvolvidos ao longo do livro.

Gallo sublinhou muitos pontos importantes para pensarmos a subjetividade, a ideologia e a educação, muitos destes são polêmicos e precisam de atenção especial, neste caso, é necessário maiores debates para que possamos pensar dialeticamente e alcançarmos uma visão da totalidade.

Recebido para publicação em março de 2010

Aprovado para publicação em março de 2010